

NESTE NÚMERO:

Documentário dos jogos  
PORTUGAL - ITÁLIA



**CRÓNICA**  
Desportiva  
N. 37



22-DEZEMBRO  
1957

Preço  
1\$50

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO  
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA  
E IMPRESSÃO OFFSET DA

FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.

RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

## ITÁLIA — o primeiro país que vencemos na história da selecção nacional (1925) e do campeonato do mundo (1957)

O jogo Itália-Portugal que hoje irá disputar-se em Milão é o 9.º da série de desafios realizados pelas selecções dos dois países. Este nosso adversário está indelévelmente ligado à história da selecção portuguesa de futebol, porquanto lhe propiciou a primeira vitória de sempre.

Com efeito, foi no dia 18 de Junho de 1925 — 32 anos e meio! — que a selecção nacional alcançou o primeiro triunfo, isto depois de quatro jogos desairosos com a Espanha.

Caso curioso: o desafio, contrariamente ao costume, foi disputado a meio da semana — numa quinta-feira, já passava das 18 horas.

Curioso também o programa da visita dos italianos: 5.ª feira, 18 de Junho — jogo às 18 horas no Stadium (antigo estádio do Lumiar). As 21 horas: Banquete na... Câmara Municipal de Lisboa. 6.ª feira: A partir das 10 horas — Passeio e almoço no Casino de Sintra. As 20 horas: Récita no Maria Vitória. Sábado: As 11,10 — partida da equipa italiana para Madrid.

Ribeiro dos Reis seleccionou a equipa que ficou assim constituída:

Vieira (Bf.); Pinho (C. Pia) e Jorge Vieira (Sp.), cap.; Raul de Figueiredo (Olan.), Augusto Silva (Bel.) e César de Matos (Bel.); Domingos Neves (Olh.), Mário Carvalho (Bf.), João Francisco (Sp.), Del-fim (Olan.) e Fonseca (Acad.).

Árbitro: Theuerkauff, belga.

Assistiram cerca de 16.000 pessoas. Portugal ganhou por 1-0, golo marcado aos 40 m. por João Francisco, a seguir a um «corner». Um italiano saltou à frente do seu guarda-redes e não lhe permitiu chegar à bola. O nosso avançado-centro, ao que parece, com a canela, tocou a bola para a baliza, fazendo assim um golo histórico, o da nossa primeira vitória internacional.

\*

O II Portugal-Itália realizou-se em Turim, em 17 de Abril de 1927.

Cândido de Oliveira foi o seleccionador, nomeado à última hora. A Federação de-

batia-se numa crise de concórdia, e alguns jornalistas zurziam-na sem piedade («A Federação apenas tem um caminho a seguir: a rua! — intitulava Artur Inês um seu flamante artigo em «Ecos dos Sports»).

Uns pretendiam ver jogadores madeirenses e outros não. Chegou a haver uma subscrição pública para ajudar a cobrir as despesas de viagem dos jogadores do Marítimo, mas sem resultado.

Ao fim e ao cabo, actuou em Turim a seguinte formação:

Roquete (C. Pia), Pinho (C. Pia) e Jorge Vieira (Sp.), cap.; Raul de Figueiredo (Bf.), Augusto Silva (Bel.) e César de Matos (Bel.); Liberto (Un.), João dos Santos (Set.), Cambalacho (Set.), Silva Marques (Bel.), depois «Pepe» (Bel.) e José Manuel Martins (Sp.).

Árbitro: Cejnar, checo.

A Itália venceu por 3-1, marcando o nosso ponto de honra o setubalense Cambalacho.

\*

O III Portugal-Itália efectuou-se no Porto, em 15 de Abril de 1928, e redundou em nova vitória de Portugal, desta vez por 4-1.

A turma portuguesa foi formada por um «comité», de que faziam parte Cândido de Oliveira, Ricardo Ornellas, e dr. Mário de Castro.

Cerca de 10.000 pessoas (só...) aclamaram a brilhante vitória dos nossos representantes — brilhante e inesperada, pois os italianos vinham de efectuar magnífica «tournee» pela Europa.

A «linha» de Portugal:

Roquete (C. Pia); Carlos Alves (Carc.) e Jorge Vieira (Sp.); Martinho de Oliveira (Sp.), Augusto Silva (Bel.) e César de Matos (Bel.); Valdemar (F. C. P.), Alfredo Ramos (Bel.), depois «Pepe» (Bel.), Vitor Silva (Bf.), Armando Martins (Set.) e José Manuel Martins (Sp.).

Árbitro: Cri-tophe, belga.

A substituição que indicamos, e que faz parte do boletim do jogo, não foi rigoro-

assim, Armando Martins magoou-se, saiu e foi substituído por Pepe. Quando reentrou, já não saiu «Pepe», mas sim Ramos... Raul de Figueiredo não pôde jogar por doença.

A linha avançada portuguesa fez um jogo extraordinário. Dois homens sobressaíram a grande altura: Armando Martins, que interferiu nos quatro golos e Waldemar Nlota que marcou três.

O primeiro foi assim: Armando Martins intena-se, esquivava-se a um adversário, serve Waldemar e este não erra a pontaria.

O segundo foi: Armando Martins, a meio campo, serviu o outro Martins, e este centrou para Waldemar, que, de cabeça, marcou o tento.

Os italianos diminuíram depois a diferença e a seguir houve as substituições assinaladas.

Refeito da lesão, Armando Martins — sempre ele! — recolheu um passe de «Pepe», endossou a bola a Vítor Silva, e este, depois de driblar um defesa, aplicou um remate da sua lavra — e 3-1 a favor de Portugal.

O quarto golo foi ainda originado por um passe de Armando Martins a Waldemar, que chocou com o guarda-redes contrário... mas seguindo a bola para dentro da baliza.

\*

O IV Portugal-Itália disputou-se em Milão, em 1 de Dezembro de 1929. Oxalá que o resultado do próximo encontro da bela capital do Norte de Itália seja bem diferente...

Perdemos por 6-1. As coisas não correm bem ainda antes do encontro. Havia um «Comité» de Selecção, formado pelo Dr. Maia de Loureiro, Ricardo Ornelas e Dr. Mário de Castro, mas estes dois últimos demitiram-se. Entre outras divergências, havia uma sobre a inclusão ou exclusão do defesa Pedro Hemudo. Este jogou e acabou por ser substituído.

A equipa formada:

Carlos Silva (Un.); Pinho (Bf.) e Temudo (F.C.P.), depois José da Silva (U. Coim.); Anibal José (Bf.), depois Carlos Rodrigues (Bel.), Augusto Silva (Bel.), cap., e Martinho de Oliveira (Sp.); Raul Jorge (Barr.), Waldemar (F.C.P.), Vítor Silva (Bf.), «Pepe» (Bel.) e José Luis (Bel.).

Árbitro: L. Baert, belga.

Vítor Silva marcou o ponto de honra dos portugueses.

\*

O V Portugal-Itália foi disputado no Porto, em 12 de Abril de 1931. E contra o costume, perdemos em «casa»...

Também neste desafio, os antecedentes não foram propícios. O futebol estava em «pé de guerra». A Associação de Futebol de Lisboa contra a Federação, e a querer impor que aquele desafio se realizasse na

capital. A não ser do Benfica, não houve jogadores lisboetas na selecção nacional.

O Comité de selecção esteve formado por Laurindo Grijo, Augusto Pedrosa e Tavares da Silva. A equipa:

Artur Augusto (Set.); Carlos Alves (Acad.) e Avelino (F.C.P.); Teixeira (Mar.), depois José da Silva (Un.), João de Oliveira (Bf.) e Alvaro Pereira (F.C.P.); Waldemar (F.C.P.), cap., «Pinga» (F.C.P.), Vítor Silva (Bf.), Armando Martins (Set.), depois João dos Santos (Set.) e Francisco Santos (Set.), depois A. Soares (F. C. P.).

Árbitro: Lloveras, espanhol.

Os portugueses actuaram com manifesta pouca sorte. O primeiro golo foi marcado num «corner» directo por Orsi, com Artur Augusto barrado por adversários e colegas. O segundo foi disparado a um metro da rede, depois de fintas magistrais do avançado-centro.

\*

O VI Portugal-Itália realizou-se em 27 de Fevereiro de 1949, em Génova.

O dr. Armando Sampaio, tendo Augusto Silva como treinador, apresentou a seguinte «linha»:

Barrigana (F.C.P.); Virgílio (F.C.P.) e Serafim (Bel.); Canário (Sp.), Feliciano (Bel.) e Francisco Ferreira (Bf.), cap.; Lourenço (Est.), Vasques (Sp.), Peyroteo (Sp.), Travaços (Sp.) e Albano (Sp.).

Árbitro: Sdez, francês.

Portugal perdeu por 4-1, e deste jogo — o último que disputámos na Itália — reproduzimos sugestiva evocação fotográfica e descrição dos golos, noutras páginas.

\*

O VII Portugal-Itália efectuou-se em Lisboa, em 8 de Abril de 1951 no Estádio Nacional. Resultado idêntico ao anterior. O dr. Tavares da Silva, tendo Gustavo Teixeira como treinador, formou a seguinte equipa:

Capela (Acad.), depois Ernesto (Atl.); Virgílio (F.C.P.) e Carvalho (F.C.P.); Canário (Sp.), Félix (Bf.) e Serafim (Bel.); Jesus Correia (Sp.), Vasques (Sp.), Patalino (Elvas), Travaços (Sp.), cap., depois Rogério (Bf.) e Albano (Sp.).

Árbitro: Ling, inglês.

O ponto de honra dos portugueses foi marcado por Jesus Correia, quando havia já 4-0. A exibição infeliz de Capela precipitou os acontecimentos. Todavia, toda a equipa jogou mal, sendo mesmo um dos piores jogos feitos para selecção lusa.

\*

O VIII Portugal-Itália realizou-se no Estádio Nacional, em 26 de Maio deste ano, e redundou na primeira vitória dos portugueses em jogo a contar para o campeonato do Mundo.

(Conclui na pág. 19)



Os «hurrahs» que precederam a primeira vitória da selecção lusa

## Pitorescos do primeiro estágio da selecção contra a Itália

A selecção nacional, que viria a obter para as nossas cores a primeira vitória, em 1925, estagiou na Malveira.

O sentido de reportagem (desportiva, pelo menos) não estava há trinta anos tão evoluído como hoje. De modo que a concentração, bem como a preparação da equipa passavam quase despercebidas. E não só por parte dos jornais, como dos dirigentes. Houve um dia, porém, em que se quebrou esse isolamento, e alguns dirigentes federativos e jornalistas lisboetas empreenderam a longa viagem a ir... à Malveira.

No outro dia, na ordem de serviço que se afixava na porta do quarto de seleccionador, alguém acrescentou:

### ORDEM DE SERVIÇO

Registamos com satisfação as visitas até hoje recebidas dos jornalistas da capital e dos directores da U. P. F. que vieram trazer à equipa 0.k250 de confiança e apoio moral.

Que o jogador Francisco Vieira fica proibido de executar zamoranas e que Raul Figueiredo e Augusto Silva devem jogar de mãos atadas.

Outro episódio curioso passado nesse tempo, foi a atitude dos jogadores seleccionados que, tendo o avançado setubalense sido suspenso pela União Portuguesa de Futebol enviaram a esta federação o seguinte telegrama:

«Jogadores seleccionados com breve consentimento do seleccionador Ribeiro dos Reis, vêm respeitosamente, junto da Ex.<sup>ma</sup> Direcção da U. P. F. pedir que seja annistiado o jogador Domingos das Neves, manifestando desejo de tê-lo como companheiro na equina nacional».

... E o certo é que Domingos das Neves jogou.

# OS CINCO GOLOS DO ÚLTIMO JOGO

# ITÁLIA | PORTUGAL (GÉNOVA, 1949)



EM CIMA E A ESQUERDA:

Peyroteo fora agarrado descaradamente na grande área, mas o árbitro apitara para «livre directo». Os italianos fizeram barreira. Travaços chutou com quanta força tinha. Bacigalupo só teve tempo de desviar a bola para o lado esquerdo. Surgiu, presto, Lourenço, que lançou o esférico para dentro da baliza. E assim os portugueses chegaram ao intervalo a vencer por 1-0!

EM BAIXO:

Barrigana tentou interceptar um passe de Mazzola para Meuti, mas tarde demais. Meuti saltou e marcou o golo com a cabeça. Estava feito o empate.



O golo de desempate que suscitou dúvida, sem razão aliás. Com Barrigana longe da baliza, Carapellese rematou de cabeça, a um canto. Virgílio, estava dentro da baliza e tentou defender. Ajoelhou, deu com o pé na bola... mas esta tinha ultrapassado o risco.

Foi de balde que Barrigana se lançou a esta bola. Mazzola driblara dois adversários, rematando com força e colocação.

Barrigana, batido pela quarta vez! Remate indefensável de Maroso. Dez minutos depois terminava a partida, com a vitória da Itália por 4-1.



# Portugal-Itália para o campeonato do mundo

## Vitória sensacional dos portugueses por 3-0

Bugatti, guarda-linha italiano, soca a bola, antecipando-se à entrada de Cavem



Matateu capta a bola em posição difícil. Posio até parece arripiar-se.



EM CIMA:

Bugatti não chegou a tempo. Teixeira diz que sim à bola, e Cervatto levanta a perna para trás, a interceptar a trajetória do esférico

A DIREITA:

Vasques controla a bola e o adversário italiano tenta tirá-la

EM BAIXO:

Vasques chuta, por entre um triângulo de adversários, e obtém o primeiro golo de Portugal



# ESTES FUTEBOLISTAS PORTUGUESES JÁ GANHARAM À ITÁLIA



F. Vieira



A. Pinho



J. Vieira  
(2 vitórias)



R. Figueiredo



J. Francisco  
(1 golo)



Delfim



Fonseca



Roquete



«Pepe»



Vítor Silva  
(1 golo)



A. Martins



J. M. Martins



M. Arcanjo



Graça



Vasques  
(1 golo)



«Matateu»  
(1 golo)



A. Silva  
(2 vitórias)



César Matos  
(2 vitórias)



D. Neves



M. Carvalho



C. Alves



Martinho



Waldemar  
(3 golos)



A. Ramos



C. Gomes



Vígilio



Ângelo



Pedreto



Teixeira  
(1 golo)



Salvador



Cavem



22  
Dezembro  
1957  
?



## Proporcionalmente aos jogos que disputou ARAÚJO

### foi o melhor marcador da Seleção Nacional

Tem sido publicadas as listas dos melhores marcadores da seleção nacional, partindo-se do princípio comum de ordená-los consoante o número de golos obtidos. Cremos que ainda está por fazer a estatística dos tentos marcados pelos «internacionais» portugueses, tomando por referência o número de desafios efectuados, isto é, apurar os melhores marcadores proporcionalmente ao número de internacionalizações.

Tal critério leva-nos a caminhos inteiramente novos e surpreendentes.

Segundo a ordenação decrescente em número de golos marcados, os jogadores que foram os seguintes:

Peyroteo (Sporting)	13
A. Sousa (F. C. Porto)	9
Águas (Benfica)	9
Vitor Silva (Benfica)	8
«Pepe» (Belenenses)	7
Araújo (F. C. Porto)	7
Travaços (Sporting)	6
Vasques (Sporting)	6
Matateu (Belenenses)	6

Spois com 4 golos: João dos Santos, J. M. Martins, Waldemar, Soeiro e Ben David.

Porém estes de parte, porém, pela menor cifra averbada (que não podem já melhorar, salvo por milagre de rejuvenescimento...)

Há ainda o caso de no jogo com a Turquia, cá, um dos nossos golos ser atribuído a Matateu, por uns e por um defesa turco, outros. O relatório de gerência da F. P. F.-1957 atribui-o ao turco, pelo que só averbamos 6 golos a Matateu, o que para a percentagem pouco influi (é sem o 7.<sup>o</sup>).

Esclareça-se ainda que os números apontados são os da Seleção «A». Se assim não fosse, Águas contaria 12 golos, visto que na sua estreira na seleção «B» marcou três tentos. Mas achamos que deve fazer-se a desfrinca.

Proporcionalmente ao número de internacionalizações na seleção «A», a ordem dos marcadores é a seguinte:

	J.	G.	P.
1. <sup>o</sup> — Araújo	9	6	66 %
2. <sup>o</sup> — Peyroteo	20	13	60,5 %
3. <sup>o</sup> — Águas	15	9	60 %
4. <sup>o</sup> — «Pepe»	14	7	50 %
5. <sup>o</sup> — «Pinga»	21	9	42,8 %

6. <sup>o</sup> — V. Silva	19	8	42,1 %
7. <sup>o</sup> — Matateu	17	6	35 %
8. <sup>o</sup> — Vasques	26	6	23 %
9. <sup>o</sup> — Travaços	34	6	17 %

Contando a Águas a sua famosa internacionalização (B), passa à frente, com a percentagem elevada de 75 %.

De qualquer modo, por médias, Peyroteo é superado por Araújo, o que não lhe diminui, os créditos, porquanto 13 golos marcados pela seleção é sempre uma cifra apreciável.

Repare-se também na boa cotação do saudoso José Manuel Soares («Pepe»), com média de «meio golo» por desafio. Se não fora a morte prematura, ocorrida em plena flor da mocidade, «Pepe» teria sido talvez o melhor marcador da seleção nacional, por boa margem.

Atentemos também que Araújo — não por morte, felizmente, mas por doença pertinaz — foi forçado a abandonar a actividade futebolística, quando muito havia a esperar das suas excepcionais qualidades de rematador.

(Conclui na pág. 19)

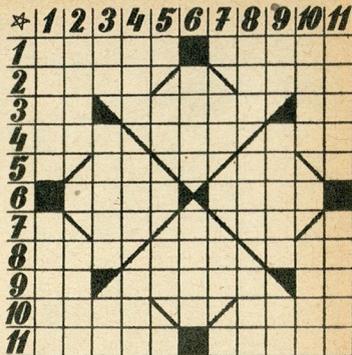
## DESPORTO MENTAL



**HORIZONTAIS** — 1. Rasura; jogador do Belenenses. 2. Trabalho; trofeu. 3. Pron. pess.; jogador da Académica; os mais. 4. Pron. pess.; leoa; apelido. 5. Mira; utensílio. 6. Antigo internacional de futebol; tarefa. 7. Governanta; numeral; vil. 8. Boa; internacional militar de futebol; mil e cinquenta. 10. Lago de Itália; rezei. 11. Nome de homem jogador do Salgueiros.

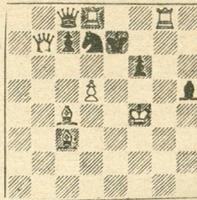
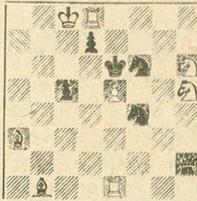
**VERTICAIS** — 1. Jogador do Caldas; antigo internacional do Belenenses. 2. Jogador do Guimarães; extremidades dos membros superiores. 3. Abreviatura de senhor; cidade de Portugal; Mil e cem. 4. Igual; indivíduo de certa casta japonesa; propaga-se. 5. Art. pl.; nota musical. 6. Vazios; guarda-redes da I Divisão. 7. Existe; nota musical. 8. Liga; colocar; elogio. 9. Nociva; jogador do Benfica; consoante dobrada. 10. Elevai; gostei. 11. Jogador e um antigo internacional do Benfica.

## PALAVRAS CRUZADAS



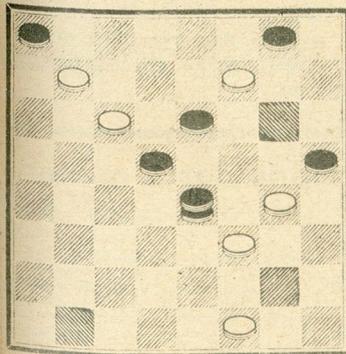
## XADREZ

C. Vaghan (Inglaterra)



## DAMAS

MARIA DINIZ VAZ  
(Almada)



Jogam as brancas e ganham

Mate em dois lances



## Lembra-se do CALDEIRA... de há dez anos?

Quem reconhece naquele rapaz tímido, encolhido, de camisola à Benfica, o actual defesa direito do Sporting, Caldeira? Mas não há dúvida que é ele — quando alinhava no clube da sua terra, o Lusitano de Vila Real de Santo António.

Encolhia-se e, verdade seja, o caso não era para menos, que o seu guarda-redes (Isaurindo) quando se atirava para os ares era de meter respeito a qualquer...

## Soluções dos passatempos deste número

**FOTO-ENIGMA** — 1) Seleção B; 2) Sarre; 3) 6-1; 4) José Pedro (2), Monteiro da Costa (2), Fernandes e André

**PALAVRAS CRUZADAS** — **Horizontais:** 1 — Raspa, Ramin; 2 — Obra, taça; 3 — Me, Rocha, al; 4 — Ele, soa, cid; 5 — Ve, pa; 6 — Mota, sova; 7 — Ra, re; 8 — Ama, mil, mau; 9 — Sã, Vital, ML; 10 — Como, orei; 11 — Óscar, Mário. **Verticais:** 1 — Romeu, Vasco; 2 — Abel, mãos; 3 — Sr., Évora, M. C.; 4 — Par, eta, voa; 5 — Os, MI; 6 — Ocos, Rita; 7 — Há, lá; 8 — Ata, por, boa; 9 — Ma, Cavem, RR; 10 — Icel, ame; 11 — Naldo, Júlio.

**XADREZ** — 1. Ba2 + 1. Bb4 +. Interessante o tema de tomar na passagem.

**DAMAS** — 2-6, 6-10; 23-27, 27-31, 31-7, 7-16, C.

# BOBET começou a fumar...



## Futebol Latino...

Esta espectacular fase desenrolou-se em Itália e expressa bem claramente a beleza e a riqueza atlética que o futebol possui.

São seus intérpretes Nicolé, extremo do Juventus de Turim, que está no ar e o francês Bonifaci, do Torino, caído por terra.

Na realidade, só o desporto-rei, com a sua espectacularidade, a sua juventude e alegria nos poderia dar, domingo a domingo, sejam quais forem as latitudes em que se disputam os jogos, e as raças dos futebolistas que neles intervêm, imagens semelhantes.

Sabiam que Bobet, o grande ciclista francês, era contrário ao fumo? Pois pela primeira vez na sua vida, Louison Bobet fumou um cigarro. Provou — e gostou.

De tal maneira que prometeu continuar...

E digam lá, francamente, se Louison, de cigarro na boca, não tem outro ar...



Várias fases do treino do jovem Tore Hansen, para aperfeiçoar o seu fantástico domínio de bola.

## 30.122 ressaltos com uma bola de futebol sem tocar no solo executou o norueguês Tore Hansen num período de 4 horas

Quase incrível que se consiga realizar com uma bola de futebol o que o futebolista Tove Hausen, norueguês de 17 anos de idade, conseguiu: manter a bola em movimento, sem tocar no solo, durante quatro horas, executando 30.122 ressaltos, o que dá uma média de mais de dois movimentos por segundo. O exercício consistiu em transferir a bola dos pés para o Joelho, do Joelho para a cabeça, e da cabeça para o ombro, e assim sucessivamente durante duzentos e quarenta minutos — e ainda teve tempo para tomar refrescos — e só parou porque o pai a isso o obrigou.

O jovem Tore Hausen, que tem espantado os seus compatriotas — e os técnicos — com o seu formidável domínio de bola, tinha já numa primeira tentativa, que durou duas horas e vinte minutos, executado 16.092 ressaltos.



## Sabe que equipa é esta?

Esta equipa obteve o resultado mais folgado de sempre de seleções nacional de futebol.

Alinhou assim: José Pereira (que se magoou, sendo substituído por Costa Pereira); Artur e Galaz; Vicente, Wilson e «Juca»; Dimas, André, Monteiro da Costa, Fernandes e José Pedro.

Pergunta-se: 1) Trata-se da Seleção A ou B? 2) Qual foi o adversário; 3) O resultado? 4) Quem marcou os golos da selecção portuguesa?

Respostas na página 12.

Esta  
semana  
fazem  
anos

Na antevéspera do Natal de 1929 nasceu, Alberto Costa Pereira, guarda-redes «internacional» do Benfica. Em Nacala (Moçambique). Antigo jogador do Sporting de Lourenço Marques, do Ferroviário e da selecção da capital moçambicana, Costa Pereira ingressou no Benfica em 1954, sendo internacional «B» e «A». Completa 28 anos amanhã, segunda-feira pelo que lhe apresentamos desde já os mais sinceros parabéns.

Também Couceiro, do Sp. Covilhã faz anos esta semana — no dia seguinte ao Natal. Bento da Silva Soares Couceiro nasceu em Tentugal (Montemor-o-Velho), em 26 de Dezembro de 1931. Começou nos juniores do Sporting (duas épocas) em 1949-50 e continuou nos «leões» até 1951-52. Empréstado ao Lusó em 1952-53, regressou ao Sporting na época seguinte. Tornou a ser dispensado mas ao Sp. Covilhã, em 1954-55. Duas épocas neste clube em 1955-57, para esta época ser definitivamente dispensado aos «leões da Serra». Parabéns pela passagem do aniversário natalício... e pelo «record» de vai-e-vem.



A O S 3 8 A N O S

# ABRAÃO

deixou o Olhanense e ingressou no Lusitano de Vila Real

Em todas as fotos que ilustram estas páginas patenteia-se a elegância do estilo do mais extraordinário guarda-redes algarvio de todos os tempos.

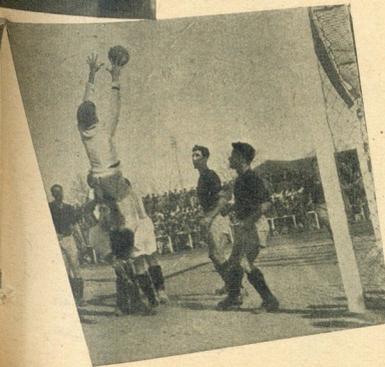
— Os seus saltos sugerem a flexibilidade dos felinos. Voa para a bola como impulsionado por uma catapulta e as suas mãos revelam a atracção do iman.

José Abraão de Palma é um dos casos mais curiosos do nosso futebol.

Nascido em Olhão a 15 de Junho de 1919, tinha somente 14 anos quando assinou a sua primeira ficha de jogador. Inscreveu-se pelo Olhanense, o clube da sua terra, lá em duas épocas que Abraão deixara de guardar as

redes do seu Olhanense, aliás da 1.ª categoria, porque nas outras continuava a aparecer sempre que o seu clube necessitava do seu concurso.

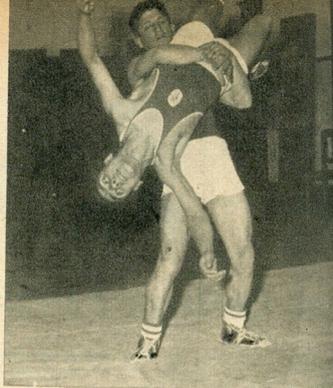
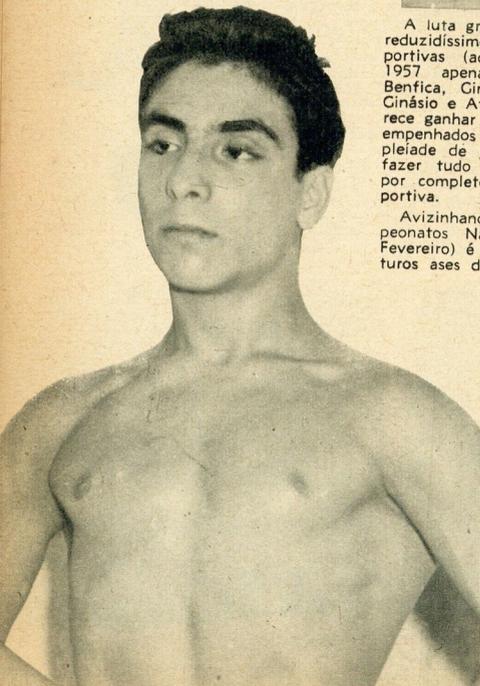
Até que há poucas semanas, por entendimento entre o Olhanense e o Lusitano de Vila Real de Santo António, Abraão surgiu inesperadamente a defender a baliza dos «encarnados» algarvios. E quem se lembra que Abraão tem já 38 anos?! Um jogador tem a idade que as suas pernas ou, no caso dos guarda-redes, a agilidade e destreza que mostrarem. É por isso que José Abraão continua na liça, rindo-se do cartão de identidade e mostrando aos novos como se defende a baliza, com classe.



O BENFIQUISTA

# JOSÉ GREGÓRIO

campeão nacional de luta greco-romana, na categoria de principiantes, pode vir a ser um dos melhores valores da modalidade!



A luta greco-Romana, hoje praticada em reduzidíssimo número de agremiações desportivas (aos campeonatos nacionais de 1957 apenas concorreram lutadores do Benfica, Ginásio Clube Português, Lisboa Ginásio e Ateneu Comercial de Lisboa) parece ganhar novo incremento no que estão empenhados alguns «veteranos» fiéis e uma pleiade de jovens praticantes, dispostos a fazer tudo para não deixar desaparecer, por completo, esta antiga actividade desportiva.

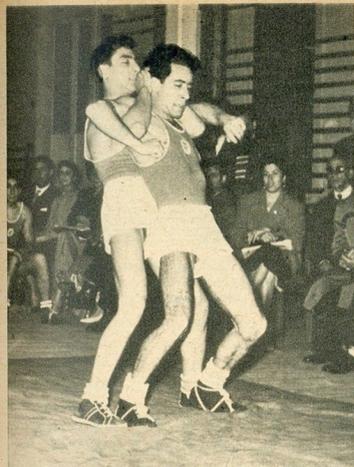
Avizinhando-se a realização dos Campeonatos Nacionais de 1958 (Janeiro e Fevereiro) é oportuno falar de um dos futuros ases da luta greco-romana: o jovem José Gregório, do Benfica.

Este rapaz, pode, se continuar a treinar com o mesmo método, dedicação e entusiasmo, como tem feito até aqui, vir a ser um dos valores nacionais da especialidade.

Aos 16 anos, Gregório tomou pela primeira vez parte num torneio de luta, que se realizou entre sócios do S. L. Benfica, em Julho de 1956, alcançando um promissor terceiro lugar na categoria de levíssimos.

#### EM CIMA:

Nos campeonatos nacionais de principiantes, José Gregório ataca com vantagem Aldónio Mendonça.



Num campeonato inter-sócios do Benfica, Gregório está em situação difícil, à mercê de Orlando Gonçalves.

Proseguindo na preparação sob os cuidados e orientação do seu dedicado treinador Luís Filipe, José Gregório participou no mesmo ano em mais dois torneios inter-sócios: do «encarnados», classificando-se, respectivamente, em 2.º e 4.º lugar.

Nos campeonatos nacionais de 1957 o jovem atleta era apontado como favorito indiscutível da categoria, e a sua actuação não desmentiu os vaticínios, porque o primeiro lugar não lhe fugiu; o mesmo não acontecendo na categoria de juniores, em que foi vencido pelo seu companheiro de clube Aldónio Mendonça.

José Gregório, com vistas aos campeonatos de 1958 tem treinado persistentemente e espera, segundo nos declarou, dar ao Benfica mais alguns triunfos.

## Portugal-Itália

(Continuação da pág. 2)

Portugal venceu por 3-0 — golos de Vasques, Teixeira e Matateu.

Tavares da Silva, tendo Augusto Silva como treinador, formou assim a equipa vencedora:

Carios Gomes (Sp.); Virgílio (F.C.P.), Angelo (Bf.); Pedroto (F.C.P.), M. Arcanjo (F.C.P.) e Graça (Set.); Vasques (Sp.), Matateu (Bel.), Teixeira (F.C.P.), Salvador (Bf.) e Cavem (Bf.).

Árbitro: Treichel, alemão.

Balço dos encontros com a Itália:

5 vitórias de Portugal, 5 derrotas, e 10-12 golos a favor dos italianos.

Classificação actual da «poule» eliminatória do campeonato do Mundo:

Irlanda	1 V.	1 E.	1 D.	4-2	3 p.
Portugal	1 V.	1 E.	1 D.	4-4	3 p.
Itália	1 V.	1 E.	1 D.	1-3	2 p.

## ARAÚJO

(Continuação da Pág. 10)

Lembre-mos que Araújo tem hoje 34 anos, isto é, estaria talvez ainda hoje em actividade, se não fosse aquela fatalidade, a par pois de rivais seus contemporâneos, como Rogério, Cabrita e Travaços.

Foi realmente uma grande perda para o futebol nacional — e para o seu clube. António Araújo chegou a ser o «rei dos marcadores» do «nacional», em 1947-48. Depois, uma doença renal levou-o a afastar-se dos campos de futebol, para voltar algum tempo depois, sob vigilância médica, mas já sem o fulgor de outrora.

Araújo possuía o segredo de rematar de pressão e bem. Era uma seta assestada sobre a baliza adversária, raramente perdendo oportunidade de aplicar o seu pontapé rápido, potente, fulminante.

Saudamos com muita simpatia o grande interior do F. C. Porto, lamentando não só o seu desaparecimento prematuro dos «relvados» do futebol como o facto de não lhe ter sido prestada a justa consagração que de sobejo merecia.

NO PRÓXIMO NÚMERO:

## A história de ALFREDO

o «três pés» do BENFICA



**A ESQUERDA:**  
Perante o árbitro inglês, Reader, Augusto Costa e Obdulio Varela trocam lembranças. Mas que lembrança mais dolorosa podia ter ficado ao «capitão» dos brasileiros?

**EM BAIXO:**  
Ele aí está, depois do tremendo desafio, amargurado, enquanto Maspoli — adversário vencedor — procura consolá-lo

1948 — O Vasco da Gama forma, orgulhoso, campeão: Flávio Costa (treinador), Danilo, Rafanelli, Augusto Costa, Jorge, Eli e o guarda-redes Barbosa, de pé; Djalma, Friaça, Dimas, Lélé, Chico e o massagista Mário

Foram recebidos delirantemente no Rio, os jogadores arrebatados pela multidão entusiasmada

## Alegrias e tristezas de AUGUSTO COSTA

Augusto Costa, treinador que no Belenenses conheceu vários estados de alma, desde a satisfação pela boa figura em Sevilha, esperança de uma época em cheio, até à tristeza pelos inéxitos dos seus «comandados», pelas doenças e lesões que os afligiram, e por fim o ter substituído no «comando único» — teve, na sua carreira de futebolista, também, horas de euforia e de desespero.

Glória inolvidável foi quando «capitaneou» o Vasco da Gama na famosa digressão ao Chile, em 1948, para o Torneio sul-americano, a que concorriam grandes equipas da América latina: o River Plate, da Argentina, o Nacional, do Uruguai, o Colo-colo, do Chile, etc.

No primeiro encontro, o Vasco da Gama derrotou o «El Litoral», campeão da Bolívia, por 2-1. A segunda partida, contra o famoso «Nacional», de Montevideo, campeão do Uruguai redundou numa clamorosa vitória dos «cruz-maltinos», por 4-1. Terceiro jogo, terceiro triunfo: 4-0, contra o Municipal, do Peru. Quarto desafio, e nova vitória: 1-0, contra o Emelec, do Equador. Na quinta partida, contra o Colo-colo, reforçado com os melhores elementos chilenos, registou-se um empate (1-1), o suficiente para o Vasco da Gama assegurar o título. Quando empatou com o River Plate, sem golos, era campeão com um ponto de vantagem.

A recepção do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro foi a maior manifestação de que há memória, dispensada a uma equipa de clube. Um período enérgico, que Augusto jamais esquecerá.

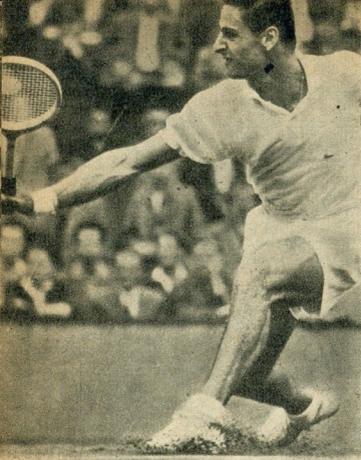
O reverso da meda-

lha verificou-se dois anos mais tarde. Campeonato do Mundo de 1950. Milhões de brasileiros cegamente confiados que o Brasil seria campeão do Mundo. Maracanã a rugir. Brasil contra o Uruguai. Augusto e mais os seus dez camaradas frementes de entusiasmo contra Obdulio Varela e uma pleiade de jogadores, convictos de que tinham uma palavra a dizer... Um gol de pesadelo que ditou a derrota do Brasil. O Maracanã estarecido ante a verdade cruel. Chorou Augusto Costa, arreplaram-se os jogadores, chorou meio mundo desportivo do Brasil o campeonato não conquistado.

Foram bem dois momentos inesquecíveis, tremendamente antagónicos,



**DOIS MOMENTOS INESQUECÍVEIS NA CARREIRA DO ANTIGO CAPITÃO DO VASCO DA GAMA E DA SELECCÃO DO BRASIL**



## O primeiro tenista francês...

Este jovem chama-se Pierre Darmon e é considerado o primeiro tenista francês da actualidade. Conquistando o Campeonato de França disputado em Marselha, Darmon demonstrou claramente os seus progressos e tudo indica que, muito em breve, possa seguir as pegadas de Borotra.

Ei-lo numa atitude, e que parece que os seus pés levam à frente a terra do recinto...

## ... E um dos primeiros da Itália e da Suécia

...Este é o célebre Jepsso, avançado-centro do Torino, de origem sueca.

Como se sabe, Jepsso é tão bom tenista como futebolista.

Muito embora só jogue o ténis por prazer, Jepsso é considerado pelos técnicos como um dos melhores tenistas italianos.

Mas não há que estranhar, porque já na Suécia, este era um dos principais homens da raqueta do seu país.

\*

Em Portugal, dois internacionais de futebol que se tornaram bons tenistas foram Espírito Santo e Barrosa.



## UM GOLÃO!

Não há dúvida de que não existe para esta fase outro título, porque estamos em presença de um autêntico golão, daqueles que até fazem estremecer os Estádios.

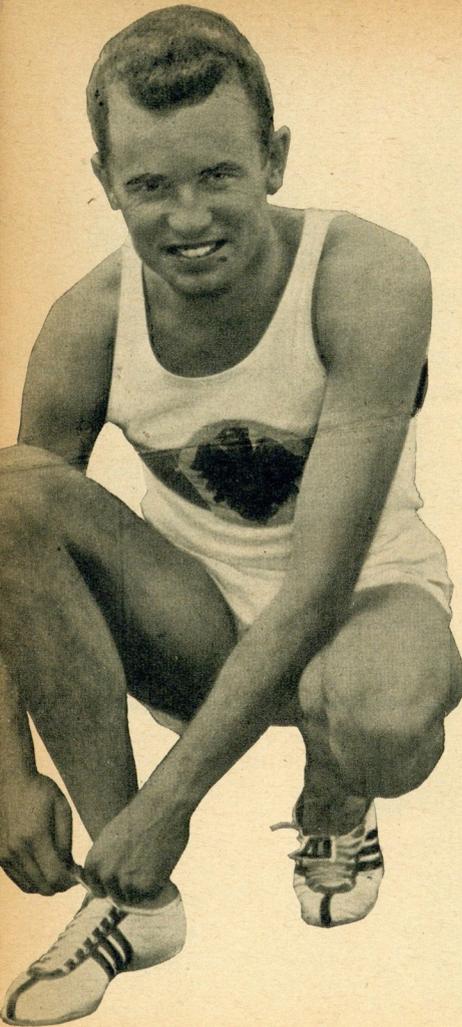
Isto passou-se no Maracanã, durante um encontro entre o Flamengo, do Rio e o Dinamo de Zagreb.

O golo é brasileiro e marcou-o Dido, que aparece, na objectiva, junto ao guardião jugoslavo. O fotógrafo focou o instantâneo na altura precisa em que o esférico tocou as malhas.

## BOM HUMOR

Sem palavras





# MANFRED

## o homem mais

-Este rapagão que apresentamos nestas páginas, ora correndo velozmente, ora tocando violino ou fritando ovos, é nem mais nem menos do que Manfred Germar, recordista europeu dos 100 e 200 metros.

Corre os 100 metros em 10,2 s., e os 200 m. na mesma cadência 20,4. As 100 jardas percorre-as em 9,5 s., o que também constitui recorde europeu.

Manfred nasceu em Koln, na Alemanha em 10 de Março de 1935. Conta portanto 22 anos, quase 23. Mede 1<sup>m</sup>,82 e pesa regularmente 72 quilos. É estudante de ciências económicas e financeiras de carácter industrial — uma especialização que existe na Alemanha.

É um que se pode chamar um rapaz sentimental. A terra em que mais gostaria de viver era nas Ilhas Hawai. Costa imenso de tocar violino. E confessa que é muito dorminhoco; costuma dormir muito. Entende que o repouso beneficia muito o atleta — e então um atleta como ele, 72 quilos e 1<sup>m</sup>,82 lançados como bôlide à velocidade de 10 metros por segundo, quase...

Também aprecia outros desportos, como o ténis, handebol e futebol, de que é praticante.

Começou a dar que falar no atletismo em 1953, ao correr com 18 anos, os cem metros em 10,7 s. As suas melhores marcas ante-

# GERMAR

## veloz da Europa

riores tinham sido: 1950 (com 15 anos): 12,7 s.; 1951 (16 anos): 11,8 s.; 1952 (17 anos), 11,2 s.. Houve pois um salto repentino. A partir de então, cada ano que passava, Germar baixou um décimo de segundo: 1954: 10,5 s.; 1955: 10,4; 1956: 10,3; 1957: 10,2.

Nos 200 metros a sucessão foi: 1954: 21,4 s.; 1955: 21 s.; 1956: 20,9 s.; 1957: 20,4 s..

Trata-se incontestavelmente de um grande atleta e uma das «estrelas» do desporto alemão da actividade.

Basta a atentar neste pormenor: Manfred Germar ganhou todas as provas nacionais e internacionais do ano prestes a findar!



### EM CIMA:

Nesta altura ainda não se cronometravam as corridas do menino Manfred Germar...

### A ESQUERDA:

Eis Germar integrado na equipa de handebol da sua terra.

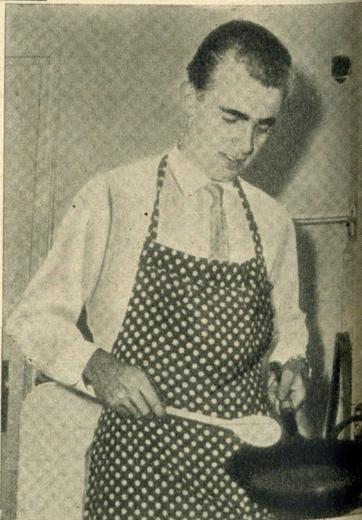


Equipando-se, junto da sua irmã, que é a sua mais fer-varoso admiradora.



Uma interessante imagem duma chegada dos corredores de 100 metros, com a indicação dos «tempos». Foi Germar que venceu (10,3), precedendo o jovem Hary, de 20 anos (10,5), Pohl (10,6), Poehler (10,8) e Gunther (10,9).

Germar não se atrapalha se for preciso cozinhar uma «omeleta».



Germar junto do «sprinter» norte-americano, Ed Collymore e o alemão Heinz Fütterer.



Germar não se limita a percorrer as pistas em grande velocidade. É também um hábil tocador de violino.

Enquanto os adversários se estafam (e entre eles havia russos e o conhecido «sprinter» americano Murchison, que aliás foi o 2.º) Germar vence sem esforço aparente, no tempo de 10,5 s. (Jogos Universitários de Paris).



É assim que Germar se lança nas suas fantásticas corridas. Sai das «covas» como impulsionado por molas, e galpa a pista numa velocidade estonteante que muitos poucos podem igualar.

Segundo foi anunciado no último Congresso da F. P. F., foi superiormente determinado que se alterasse o Estatuto daquela federação de forma a dar-se execução à nova orgânica desportiva no Ultramar. A base da alteração é a seguinte: as Associações distritais ultramarinas passam a filiar-se nas Associações provinciais, e estas na F. P. F.

Desde logo, a nomenclatura afigura-se-nos confusa, dado que passa a haver Associações... de Associações.

Haverá, obviamente, Associações a mais. No fundo, será uma questão de nomenclatura.

Na realidade, o que se verificará,, salvo melhor opinião é isto: as Associações provinciais não são mais que federações (de

lerá a pena aproveitar a oportunidade que se oferece a estudar a remodelação mais profundamente ainda? Não é verdade que toda a orgânica desportiva nacional necessita de uma reforma radical — e o primeiro passo partiu agora do Ultramar?!

Observe-se este pormenor importante: até aqui as federações nacionais eram constituídas unicamente por Associações distritais — e isto sem olhar a características do território. Na orgânica futebolística, por exemplo o distrito de Bragança, por exemplo, estava e (ainda está), praticamente no mesmo pé de igualdade da longínqua Huíla...

Modifica-se a lei — e um clube de Lourenço Marques, por exemplo, estará ligado à Federação através de dois organismos

bol será o começo...), não será descabido encarar-se a hipótese das federações englobarem duas qualidades de filiados: clubes metropolitanos e Associações ultramarinas.

Aqueles teriam representação directa na federação, cuja sede se situa no mesmo território; os clubes do Ultramar ficariam ligados através das Associações provinciais, que funcionariam (virá a ser essa a sua função, decerto) como autênticas federações em cada Província ultramarina.

Reconhecemos a necessidade de criar organismos coordenadores das actividades desportivas em cada parcela do vasto território português. Não será a F. P. F., dirigida por metropolitanos, e a milhambres de quilómetros de Angola, de Moçambique, ou qualquer outra parcela do Ultramar, a entidade mais indicada para resolver os problemas dos clubes de daquelas paragens.

Já o mesmo não dizemos das Associações distritais da Metrópole, para cuja existência não achamos justificação. Portugal é grande, incluindo os territórios desseminalados pela África, Ásia e Oceania. Para tanto se justificam o desdobramento dos organismos superintendentes do nosso desporto. Mas é pequeno, atendendo à parte europeia.

Consideramos desnecessária e até contraproducente a subdivisão da Metrópole, desportivamente, em pequenos organismos sem recursos monetários, apenas para representação dos clubes na federação. A acção destas Associações era plenamente cumpridas, e até com vantagem, quer de ordem burocrática, quer administrativa, por delegações da F. P. F. em cada distrito. E assim ficariam directamente ligados à F. P. F. — sem intermediários escusados, que são as actuais Associações distritais — os clubes, base de toda a máquina desportiva do País!

Teríamos, assim, em resumo, Federações de clubes metropolitanos e de Associações ultramarinas. Em cada distrito da Metrópole, uma delegação da F. P. F.. Em cada distrito das províncias ultramarinas, uma delegação da respectiva Associação.

A vida seria muito mais fácil para todos. Um novo provir se desenharia para o desporto nacional, assente no fortalecimento da posição dos clubes — metropolitanos e ultramarinos. Não se esqueça que é da sua acção — dos atletas que so representam — que depende o desenvolvimento técnico e populacional. São-lhe devidos todos os direitos de escolher os seus dirigentes, a forma de actividade que lhes aprofuser, as leis por que se regem — e sem intermediários anacrónicos.



## LANDI afinou

O guarda-redes do C. A. Paris, Landi, é argelino de origem. É um dos bons guarda-redes franceses e já alinhou no Racing Parisiense, no Nice e no A. S. Troyes.

Landi aparece-nos, aqui, em atitude curiosa, depois de uma alteração com um fiscal de linha, à qual um seu colega pôe termo. Até parece que estamos a ouvir Landi dizer:

Não me diga mais nada, homem! «Ele» estava mais do que ofside! Estava «ofsidissimo»!...

## ... E porque não : Federação dos clubes metropolitanos e de Associações ultramarinas?

Angola, Moçambique, etc.). E a actual F. P. F. sobe à categoria de Confederação. Simples questão de nomes...

De qualquer modo, o que nos parece valer a pena atentar é na designação de Associação de associações...

Não é porém este o tema do artigo de hoje, mas apenas uma faceta do mesmo. O que nos interessa essencialmente focar é o facto da orgânica desportiva ter de ser alterada, como está superiormente determinado no caso do futebol.

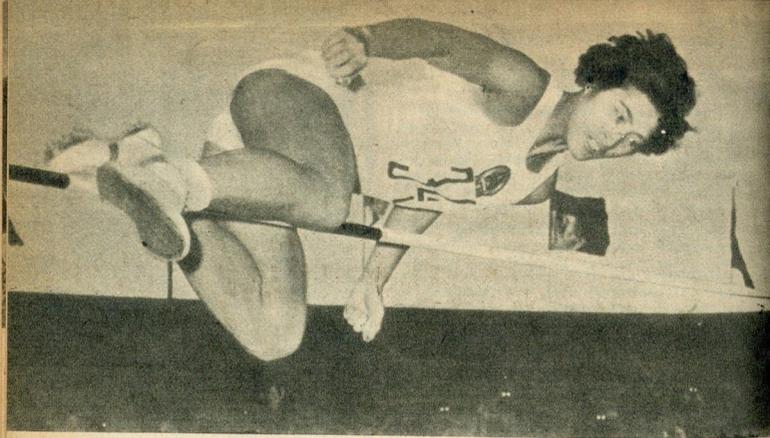
Pomos a questão abertamente: não va-

— a sua Associação distrital, primeiro, a provincial, depois...

E a F. P. F., que até aqui era federação de Associações distritais passa a sê-lo também de Associações provinciais.

Como será feita, então, a distribuição de votos? Eis um aspecto que o Congresso da F. P. F. não pode desprezar, que o assunto é da sua competência, embora subordinada ao veredicto superior.

Mas, reatando o fio da meada, uma vez que vai permitir-se duas formas de Associações no seio das federações (o fute-



## Basquetebol chinês = espectáculo

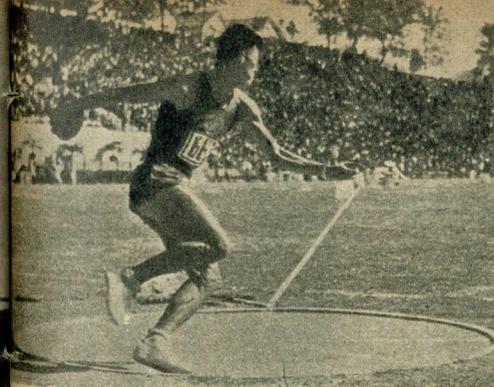


Devido à sua baixa estatura, na média dos da sua raça, os chineses não eram tidos como grandes basquetebolistas. A primeira surpresa surgiu nos jogos Universitários de Paris, este ano.

Observando a foto que reproduzimos compreender-se-á como os chineses superam a sua menor estatura. Pulam felinamente, entregam-se ao jogo com um dinamismo assombroso, e tentam o encertamento nas posições mais inverosímeis. Quem havia de dizer isso, conhecendo a secular placidez dos chineses de antanho?!

### OS CHINESES SALIENTAM-SE NOUTROS DESPORTOS TAMBÉM

A China desperta para o desporto! É verdade que os 43 m. e 95 cm. de Li Meng-Lin, no disco, são marca modesta, em



confronto com as estabelecidas por atletas de outros países.

Mais eloquentemente todavia, são as marcas estabelecidas no triplo-salto: 15 m. e 35 cm., no salto em altura, 2 m.; e, no salto à vara; 4 m. e 32 cm.

Mas a proeza que deu brado em todo o mundo partiu... de uma chinesa! Trata-se da jovem Cheng Feng Young, de 20 anos de idade que bateu o recorde mundial de salto em altura (feminina) com 1 m. e 77 cm. Cheng Feng destronou no Estádio de Pequim a romeno Yolanda Bolas... que deve ter a esta hora já imprecado o seu nome (Bolas!...).

O outro é o halterofilo Chen-Ching-Kaï, que bateu, por sua vez, o mundial da categoria ligeira, levantando 140 quilos.

Como se vê, a China não pára e parece disposta a deixar atrás as tradições milenárias e enfileirar ao lado dos países mais progressivos no mundo dos desportos.



**A DIREITA:**  
A falta de tempo para treinos de campo, Eric treina diariamente no pátio do seu estabelecimento.

## ERIC SHELLEY

### o mais extravagante jogador de polo do mundo!

O jogo de Polo deixou de ser um desporto exclusivo de aristocratas e milionários e se não é tão popular como o ténis ou o basquetebol, conta já com milhares de adeptos e praticantes em todos os países. Uma das principais razões para que o jogo não tenha atingido maior desenvolvimento é o elevado custo dos cavalos e a sua manutenção, do material e do equipamento. Sem falar, claro, no tempo necessário para treinos. Não obstante estas dificuldades, o cortador dum talho, Eric Shelley, resolveu o problema da melhor e mais engenhosa maneira.

Shelley (que hoje figura no número dos «ases» do Polo na Inglaterra), aprendeu a montar numa escola de equitação dirigida por uma senhora que casualmente entrara no seu estabelecimento e foi um dos alunos da mesma escola que o levou a ver uma partida de Polo em Woolmers Park.

Foi tanto o seu entusiasmo que logo decidiu comprar um cavalo, transacção que realizou com um cigano por quarenta libras (os cavalos para Polo custam em média mil libras) e os calções, as botas de montar e os arreios foram comprados

em segunda mão numa casa de ade-  
lo.

Ele próprio treinou o cavalo, o qual mais tarde foi trocado por um «puro sangue». Tempos depois comprou uma segunda montada, também por quarenta libras e apesar do seu baixo preço foi considerado dos cavalos mais rápidos do clube a que pertencia Eric.

Quanto à falta de tempo para treinos de campo (o que só podia fazer às terças-feiras), Eric Shelley não esteve com meias medidas: mandou fazer um cavalo de pau (!) que colocou num pátio à retaguarda do talho e ali treina todos os dias, com a colaboração do seu empregado Charles Fry, que lhe atira as bolas...

Como Shelley não tem fundos para manter os seus dois cavalos no estábulo, estes têm que ganhar a sua própria alimentação. Assim, no Inverno, trabalham na distribuição de carne; e de Maio a Setembro (a temporada do Polo) numa escola de equitação.

Não se conhece mais extravagante jogador de polo...

**A ESQUERDA:** Eric Shelley, numa movimentada fase de jogo, em Woolmers Park.



### JOAQUIM FILÍPE DOS SANTOS

Naturalidade — Setúbal

Clube: Sporting

Estreia internacional e único jogo:

Em 16 de Dezembro de 1923, contra a Espanha.

### MANUEL GONÇALVES (VARELA)

Naturalidade — Lisboa

Clubes: Império e Sporting

Estreia internacional: Em 26 de Dezembro de 1926, contra a Hungria, no Porto.

Internacionalizações: 3. Contra a Hungria, França (substituído) e Espanha.

### DOMINGOS DAS NEVES

Naturalidade — Setúbal

Clube: Vitória de Setúbal

Estreia internacional e único jogo:

Em 18 de Junho de 1925, contra a Itália, em Lisboa.

### ALVARO PINA

Naturalidade — Barreiro

Clubes: Barreirense (e Benfica)

Estreia internacional e único jogo:

Em 30 de Novembro de 1930, contra a Espanha, no Porto.





MANUEL GONÇALVES (VARELA)



JOAQUIM FILIPE DOS SANTOS

